



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Territórios: Cidades e Campos

Habitar.com: as casas na era digital

ALVES, Bruno Franco; Centro de Estudos Sociais / Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil);
bruno.franco@ufjf.edu.br

Resumo

O presente texto discute como incorporação das novas tecnologias de informação ao cotidiano das pessoas, especialmente o uso da internet em dispositivos móveis, vem alterando a configuração e o sentido da casa e do habitar na contemporaneidade. Em um primeiro momento, busca identificar as modificações arquitetônicas que as casas sofreram em seu interior de forma a revelar o processo de sobreposição de privacidades dos seus moradores que decorre de uma sociedade cada vez mais centrada no indivíduo. Sugere-se que utilização desses recursos tecnológicos não apenas modifica a configuração física da casa e a relação entre espaço público e espaço privado como também cria uma espacialidade virtual e inaugura uma nova forma de habitar – o habitar virtual, aqui chamado habitar.com.

Palavras-chave: Casa; Ciberespaço; Espaço Público; Espaço Privado

XAPS-45201

Introdução

O acesso da população mundial à internet vem aumentando em rápida escala nas primeiras décadas do século XXI. Os dados levantados pela *International Telecommunication Union-ITU*, agência da Organização das Nações Unidas para tecnologias da informação e comunicação, indicam que em 2017 o número de indivíduos a usar a Internet superou os 3,5 bilhões, o que representa 48,0% da população mundial, mais que o triplo de pessoas que utilizavam esse recurso em 2005 (1,0 bilhão de pessoas - 15,8% da população mundial). No mesmo relatório, a agência aponta que o número de famílias com acesso a internet em casa mais do que dobrou nesse período, passando de 20% em 2005 para 53,6% das famílias em 2017. Quando desagregados em razão do desenvolvimento econômico dos países, os números indicam que nos países desenvolvidos a grande maioria da população já possui acesso à internet (84,4% dos lares contam com acesso à internet), número consideravelmente inferior nos países em desenvolvimento (42,9%) e nos países menos desenvolvidos (14,7%). (International Telecommunication Union, 2017, p. 15)

Essa expansão do número de usuários da internet aliada ao desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação reconfiguraram sobremaneira a forma como as pessoas vivem, como se relacionam e como agem: trabalhar, estudar, pesquisar, educar, conviver, negociar, se locomover, habitar, se divertir, viajar, tudo isso foi modificado de alguma forma por essas tecnologias. E a casa? Como a configuração da casa, foi alterada com a evolução dos meios de comunicação, em especial, com a disseminação da internet?

Em um primeiro momento, o texto busca identificar as alterações sofridas no interior da casa, especialmente o processo de sobreposição de privacidades dos seus moradores decorrentes de uma sociedade cada vez mais centrada no indivíduo. A profusão do uso das tecnologias de comunicação, como os dispositivos móveis conectados à internet, também é discutida com o objetivo de verificar as modificações impostas às fronteiras entre o espaço público e privado.

O ensaio busca situar o sentido de habitar nos tempos atuais, dominados pelas tecnologias e fluxos comunicacionais. A casa é pensada nesse contexto com o objetivo de sugerir que as pessoas além de habitar essas construções arquitetônicas passam a habitar também o ciberespaço e constituir nele as suas casas virtuais.

De todo modo, ressalva-se de início que não há a intenção de traçar aqui qualquer perspectiva homogênea para a temática, pois se reconhece que existem e convivem

inúmeras e diferentes formas de organização da casa e da vida privada. O que se faz é traçar linhas gerais de um movimento que pode ser verificado de forma mais ou menos acentuada conforme variáveis como o país considerado, a idade, o grau de escolaridade ou os rendimentos das famílias.

2. O privado no privado: o interior da casa

O domínio do público e do privado não são estanques e sempre se entrecruzaram de forma que a definição de cada um desses domínios é, geralmente, realizada de forma relacional, por contraposição dos conceitos. (Habermas, 1984; Arendt, 2007). Hannah Arendt ao escrever sobre a esfera pública e privada começa por afirmar que “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível.” (Arendt, 2007, p. 59) enquanto a privacidade residiria na “ausência de outros”. (Arendt, 2007, p. 68). Habermas (1984) escreve que as categorias “público” e “privado” remontam à Grécia helênica. Nesse contexto histórico, a esfera da *pólis* era o palco da vida pública (*bios politikos*) onde “aquilo que é” consegue aparecer e se tornar visível a todos. Já o particular a cada indivíduo era mantido nos limites do *oikos* (casa). (Habermas, 1984, p. 16).

Sem desconsiderar que os conceitos de espaço público e espaço privado assumem cada vez mais um alto nível de complexidade devido ao intercruzamento entre esses domínios e à existência de novos espaços de caráter dual como os *shopping centers* - abertos à circulação pública, mas de propriedade privada – há um consenso aproximado ao menos no plano teórico sobre a diferença entre espaço público e espaço privado, sendo os primeiros acessíveis física e visualmente às generalidade das pessoas enquanto os segundos não estão abertos ou não podem ser acedidos pelo público em geral. (Lofland, 1998).

Deste modo, enquanto as praças e ruas podem ser consideradas espaços públicos por excelência, a casa constituiria o domínio do privado, local de refúgio e privacidade para as famílias. Mas até que ponto a casa permaneceu como espaço privado?

Como espaço dinâmico que é, a casa sofreu uma série de modificações em seu interior ao longo do tempo. O tamanho dos imóveis, a divisão da planta, a dimensão dos espaços internos, a criação de novos espaços, tudo isso é influenciado por variáveis de ordem econômica, como o preço dos imóveis e o ingresso das mulheres do mercado de trabalho; ou de ordem social, como a quantidade de membros do núcleo familiar, a criminalidade e a expansão do acesso às novas tecnologias.

Externamente essas modificações da casa podem ser percebidas na própria arquitetura dos imóveis, que promoveu um fechamento cada vez maior das residências com muros e grades, isolando-as do contato com as ruas e com a vizinhança, especialmente em contextos urbanos marcados pela violência. Como relata Teresa Caldeira em estudo sobre a cidade de São Paulo esse movimento pode ser percebido tanto em casas térreas como em edifícios sejam das elites ou mesmo em zonas mais modestas das cidades. (Caldeira, 2000).

Essa “nova” casa, isolada fisicamente do mundo exterior também é atingida por modificações em seu interior. Conquistada a privacidade do todo familiar, buscou-se então a privacidade de cada um dos membros da família dentro da própria casa de forma a permitir a sua realização e felicidade pessoal. (Morley, 2004, p. 253; Pereira, 2011, p. 46).

A forma de divisão da casa contemporânea revela muito dessas múltiplas privacidades familiares que vão se sobrepondo. A existência da suíte conjugal, que permite aos pais não mais partilhar do banheiro com os filhos; a construção do banheiro social, que restringe a área de acesso dos visitantes à área mais social da casa, mantendo resguardada a zona dos quartos; a criação de novas suítes para os filhos; o aumento da dimensão dos quartos/suítes; a compartimentação da suíte do casal em ambientes para cada um dos cônjuges, com dois lavatórios e dois chuveiros assim como a construção de *closets*/roupieiros para cada um e os quartos equipados com computador e televisão de forma a permitir o consumo individual desses mecanismos são sinais arquitetônicos de que o próprio interior da casa passou a contar cada vez mais com espaços para o refúgio e a privacidade individual de seus habitantes. (Pereira, 2011, p. 46).

Esse movimento de privatização do interior da casa não é novo. Habermas (1984) descreve as modificações das casas burguesas europeias ainda no século XVIII da seguinte forma:

Caso olhemos para o interior de nossas moradias, então se descobre que o “espaço familiar”, o local de permanência em comum para o homem, a mulher, as crianças e a criadagem tornou-se cada vez menor ou desapareceu por completo. Em compensação, os quartos privados de cada um dos membros da família tornaram-se cada vez mais numerosos, sendo decorados de modo característico. O isolamento do membro da família, mesmo no interior da casa, passa a ser considerado algo positivo. (Habermas, 1984, p. 61)

A sala de estar, a cozinha, a sala de jantar e todos os locais de convivência e encontro das famílias continuaram a existir na maior parte das casas. Entretanto, na rotina diária

das famílias, os quartos, que antes eram apenas *quartos de dormir*, assumiram uma nova dimensão na sociedade contemporânea. Os aparelhos eletrônicos como a televisão multiplicaram-se pela casa, passando a compor o ambiente do quarto. A internet, e seu acesso sem fios via sinal *wi-fi*, permitiu que os dispositivos móveis estivessem conectados em qualquer lugar da casa, inclusive nos quartos. Estes passaram a ser o espaço onde as pessoas, mais que dormir, podem manter sua privacidade dentro do ambiente doméstico e exercer suas atividades e preferências pessoais de forma isolada como ouvir suas músicas, assistir seus programas de televisão, comunicar-se com amigos pela internet e mesmo trabalhar.

Esse processo de incorporação da internet e dos dispositivos móveis no quotidiano das famílias acentuou a individualização e fragmentação do espaço doméstico, suplantando definitivamente a ideia de casa como *locus* de habitação de uma família que por muitos era tida como homogênea. Além de permitir a satisfação dos gostos e desejos pessoais de cada um de seus habitantes, esses recursos tecnológicos permitiram o contato permanente da casa com o mundo exterior, superando a sua barreira física da casa e possibilitando que ela própria possa ser projetada ao exterior por meio de imagens, vídeos e textos produzidos e partilhados por cada um dos membros da família.

3. A publicização do espaço privado: a casa “compartilhada”

A sociedade contemporânea vive a era digital, em que as tecnologias de comunicação ocupam lugar central na vida das pessoas. É importante refletir sobre as relações dessas ferramentas com a vida privada e, até mesmo, sobre a próprio significado que o espaço privado assumiu.

Passando pela rádio e a televisão até se chegar aos dispositivos móveis de comunicação como os *smartphones*, consolas de jogos, câmaras digitais ou *tablets*, pode-se acompanhar uma série de alterações no cotidiano das famílias e na organização da casa. Se por meio do rádio e da televisão muito do que acontecia no mundo exterior passou a ser projetado diretamente para o interior da casa, foi com o desenvolvimento dos dispositivos móveis que os usos, os conceitos e as fronteiras entre os espaços públicos e os espaços privados definitivamente se modificaram já que estes permitiram que pessoas situadas em espaços físicos diferentes se conectassem em tempo real ou mesmo em temporalidades distintas por meio do trânsito/compartilhamento de mensagens de texto, fotos, áudios e vídeos.

Esses dispositivos alteraram a própria percepção do espaço. John Traxler (2010) afirma que eles estão corroendo o lugar físico como um atributo predominante do espaço, vez que o aumento da conectividade e o incremento de funcionalidade desses aparelhos possibilitaram que redes sociais digitais como o *Facebook* se adaptassem e migrassem para os dispositivos móveis, ou que sites de redes sociais originadas em dispositivos móveis, como *Mxit*, *Twitter* e *Jaiku*, se desenvolvessem ainda mais. Como eles tornaram possível que as pessoas transportassem consigo as suas várias comunidades virtuais, assiste-se hoje diversas situações de “presenças ausentes” em que grupos de pessoas fisicamente unidos ou co-localizados estão todos conectados em outro lugar.” (Traxler, 2010, p. 6).

O processo de expansão da internet, a incorporação dos recursos tecnológicos à vida dos indivíduos por meio dos dispositivos móveis e a consolidação das redes sociais digitais como uma das formas contemporâneas de relacionamento e comunicação, alteraram as relações entre as pessoas que agora também são frequentemente mediadas por essas tecnologias. Os arranjos familiares, os hábitos domésticos, o uso da casa como espaço e tempo de privacidade também ganharam uma nova dimensão.

A partir da imagem da porta, trazida por Georg Simmel em *A ponte e a porta* (1909), podem-se ilustrar as transformações que as novas tecnologias de comunicação e a popularização das redes sociais digitais trouxeram à forma de habitar.

Simmel parte da imagem da ponte e da porta para refletir sobre o ser humano, sua forma de existir e estar no mundo. (Simmel, 1996 [1909]). Para ele, o homem se difere ontologicamente dos outros seres por ser o único capaz de associar e dissociar diante da natureza devido ao modo e intensidade especial pelo qual é capaz de conhecê-la, sendo que as portas e as pontes são objetos que permitem pensar como estas relações são feitas.

As formas que regem a dinâmica da nossa vida são de certo modo trazidas pela ponte e pela porta à duração sólida de uma criação visível. Elas não são simplesmente elementos adequados para assumir a pura teleologia funcional dos nossos movimentos, mas a imobilizam na sua forma em obras plásticas convincentes. A considerar os acentos opostos que dominam no efeito dado, a ponte vai mostrar como o homem unifica a cisão do ser puramente natural, e a porta, ao contrário, como deste ser natural ele cinde a uniformidade contínua. (Simmel, 1996 [1909], p. 14)

A ponte aparece em Simmel como um elemento de associação entre lugares que naturalmente estão separados. Ela materializa no próprio espaço físico, na própria paisagem, a vontade humana de juntar o que até então estava dividido.

Superado o obstáculo, a ponte simboliza a extensão da nossa esfera volitiva no espaço. Para nós, e só para nós, as margens do rio não são apenas exteriores uma à outra, mas "separadas"; e a noção de separação estaria despojada de sentido se não houvéssimos começado por uni-las, nos nossos pensamentos finalizados, nas nossas necessidades, na nossa imaginação. Mas a partir desse momento, a forma natural vem esposar essa noção como por uma intenção positiva, e a separação parecerá desde então intervir entre os elementos tomados em si e por si, a fim de que o espírito, conciliando, unificando, a ultrapasse cada vez mais. (Simmel, 1996 [1909], p. 11)

Simmel vai além do fechar da porta como movimento que cinde o espaço privado do público. Ela a concebe como elemento que carrega essa possibilidade de separação, mas que também permite o acesso entre esses dois mundos por meio de sua abertura.

O primeiro homem que construiu uma cabana revelou, como o primeiro que traçou um caminho, a capacidade humana específica diante da natureza, promovendo cortes na continuidade infinita do espaço e conferindo-lhe uma unidade particular conforme a um só e único sentido. Uma porção de espaço se encontrava assim ligado a si e cindido de todo o resto do mundo. A porta, criando por assim dizer uma junção entre o espaço do homem e tudo o que se encontra fora dele, abole a separação entre o interior e o exterior. (Simmel, 1996 [1909], p. 12)

Ao conceber a porta como um elemento que permite e resguarda a passagem do mundo interior da casa ao mundo exterior, pode-se afirmar que essa porta física a que se refere Simmel, até então único meio pelo qual se transitava entre o mundo privado e o mundo público, passa a dividir a função com os equipamentos tecnológicos que gradualmente integraram a casa e que hoje acompanham os seus moradores.

Em um primeiro momento o rádio e a televisão trazem para dentro da casa os acontecimentos do mundo exterior. Esses equipamentos assemelham-se mais às janelas do que às portas, pois como afirma Simmel, as janelas permitem “olhar para fora e não para dentro” e por isso possuem apenas uma parte da significação profunda e principal da porta. (Simmel, 1996 [1909], p. 13).

Com a chegada dos computadores e dispositivos móveis conectados à internet a casa passa a contar com novas “portas” que possibilitam a sua ligação ao mundo exterior e o trânsito dos seus habitantes entre o espaço privado e o espaço público de forma que por meio desses recursos tecnológicos pode-se aceder ao mundo exterior, mesmo com

todas as portas físicas fechadas, bem como se pode projetar o mundo privado para o exterior em uma proporção até então inimaginável.

Com os dispositivos móveis conectados à internet, cada membro das famílias possui consigo inúmeras “portas”, agora todas elas móveis. Essas novas tecnologias de comunicação permitiram às pessoas estar dos dois lados do espaço ao mesmo tempo. Com essa possibilidade de conexão potencialmente contínua o tempo das pessoas, e também o da casa, deixa de ser aquele moldado pela rigidez e uniformidade do relógio para se personalizar conforme a possibilidade de conexão contínua que permite o contato permanente e ininterrupto entre as pessoas e os espaços. (Traxler, 2010, p. 6).

Essa nova dimensão de tempo e espaço pode ser ilustrada a partir de uma série de situações que se tornaram corriqueiras: as pessoas podem estar conectadas ao mundo exterior, muitas das vezes acompanhando em tempo real o que se passa fora da casa, a partir do seu quarto. Todos os membros da família podem estar reunidos e cada um pode estar conectado ao seu próprio ambiente virtual. Pode-se participar de uma reunião de trabalho a partir de casa, por meio de uma conexão por vídeo, ou pode-se fazer o trânsito inverso e monitorar o que se passa no interior da casa a partir de qualquer outro lugar, ou mesmo comandar o seus eletrodomésticos para iniciarem a preparação do jantar de forma remota, desde que conectadas à internet.

A utilização da internet nos computadores domésticos e nos dispositivos móveis somadas a crescente popularização das redes sociais digitais trouxe consigo uma nova dinâmica à relação entre o espaço privado e o espaço público. O acesso do mundo exterior à vida privada, que inicialmente era delimitado pelas janelas e portas, agora pode ser feito para um número ilimitado de pessoas por meio da internet. A exposição da vida privada pode se dar de forma deliberada e voluntária quando ela é tornada pública pelos próprios indivíduos, mas também é captável pelo Estado, pelas empresas, por agências e por piratas digitais que são capazes de monitorar toda a vida *on line* das pessoas. (Martins, Hermínio; Garcia, 2013). Esse movimento reconfigura a esfera privada de forma a torná-la cada vez mais pública.

Tudo isso tem reconfigurado sobremaneira o significado e as funções tradicionalmente atribuídas a casa. Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva defendem que as novas tecnologias e o novo *ethos* cosmopolita forjados nesse processo implicam a ressignificação das práticas culturais domésticas e o seu realinhamento com a cultura global. (Fortuna, Carlos; Silva, Augusto Santos, 2001, p. 445). A casa deixa de ser apenas o local de recolhimento e privacidade de seus habitantes e se abre

definitivamente ao mundo exterior, seja como espaço de consumo e participação no que é produzido na esfera pública seja produzindo e compartilhando conteúdos e fatos cotidianos que acabam por levar à discussão pública temas que até então estavam restritos à esfera privada, como a educação dos filhos, casamento, hábitos alimentares, por exemplo.

3. Habitar o ciberespaço

Muitas das transformações percebidas no interior da casa e nas suas relações com o espaço público estão relacionadas à massiva utilização das tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente os dispositivos móveis conectados à internet, vez que as pessoas incorporaram esses aparelhos às suas vidas utilizando em seu cotidiano um ou até mais de um deles.

Essas alterações sociais também podem ser percebidas no âmbito do habitar das pessoas. O ato de morar/habitar/viver geralmente é relacionado a uma construção física, genericamente designada *casa*. Contudo, a hipótese que aqui se levanta é a de que na era digital, com a profusão do acesso à internet e dos dispositivos móveis, não apenas a casa física e suas configurações foram alteradas, como também as pessoas “construíram” um novo habitat que é situado no mundo virtual ou *ciberespaço*.

Os dispositivos móveis conectados à internet trazem consigo uma série de funcionalidades e aplicações que são personalizadas conforme as preferências de cada um dos seus proprietários. Concebidos para ser uma tecnologia de uso pessoal e privado e para estar sempre próximos aos seus utilizadores, agregam por meio de aplicações instaladas por seus usuários uma série de funcionalidades que permitem a satisfação de necessidades e desejos individuais como segurança, conveniência na coordenação, intensificação da sociabilidade, mobilidade, diversão e até mesmo status social. (Dias, 2007, p. 78).

Mais do que atender aos anseios de individualidade das pessoas, o modo como cada um utiliza esses recursos virtuais e se porta no ciberespaço expressa uma identidade e um estilo de vida próprios, assim como a arquitetura e decoração da casa física pode refletir a personalidade de seus habitantes.

As próprias empresas que exercem o domínio tecnológico do ciberespaço, seja pelo fornecimento produtos como aparelhos e softwares seja pelo desenvolvimento de conteúdos e serviços digitais, adotaram certa mudança em sua perspectiva comercial no sentido de apelar para um ambiente virtual cada vez mais personalizado e de apresentá-

lo aos seus usuários como algo doméstico e familiar, criando a sensação de conforto, segurança e privacidade.

Figura 1. Propaganda do navegador *web* Microsoft Edge



Figura 2. Propaganda do navegador *web* Google Chrome

Deixe o Chrome do jeito que desejar

Navegue do jeito que desejar com temas, aplicativos e extensões do Chrome. Navegue direto aos seus destinos preferidos da Web com favoritos e páginas iniciais. Depois que você configura o Chrome, suas personalizações permanecem sincronizadas entre todos os seus dispositivos. **Começar a personalizar**

Robert Luke (2002) cita o exemplo da Microsoft para ilustrar essa mudança na perspectiva das empresas em direção à noção de personalização, identidade pessoal, segurança e conforto. Em um primeiro momento, a campanha publicitária da empresa para a internet era “*Where do you want to go today?*” que projetava a ideia de que com a internet era possível explorar o mundo a partir do conforto da casa. Posteriormente, a empresa substituiu a campanha pelos dizeres “*Make it your home*”, estratégia para que os usuários se identifiquem e reconheçam a Microsoft como o meio seguro para acesso à internet. Como afirma o autor, essa mudança representa uma alteração na concepção de navegação na *web* de um usuário ativo a passivo, de sair para desbravar o mundo *on-line* para ser trazido para “casa virtual”, vendido como um lugar de consumo seguro da internet. (Luke, 2002, pp. 65–66).

Enquanto a casa física é situada no espaço geográfico e reclama o deslocamento no território para ser acedida, a *casa virtual* caracteriza-se pela sua mobilidade já que pode ser transportada com o seu “habitante” e acedida em qualquer tempo ou lugar, uma vez que a portabilidade dos dispositivos de conexão à internet colocou fim as barreiras para que as pessoas vivenciem de seu espaço virtual. Desta forma, ler as notícias do dia, acompanhar as postagens em redes sociais digitais, ouvir a lista de músicas preferidas, assistir vídeos e programas, participar de uma reunião de trabalho ou de uma conferência, se comunicar com amigos e familiares, tudo isso pode ser feito de modo individualizado, a qualquer tempo e em qualquer lugar, seja no interior da casa seja no espaço público, bastando que o indivíduo esteja conectado à sua *casa virtual*.

Ao refletir sobre essas mudanças que as tecnologias impuseram à vida urbana, Massimo di Felice lembra que a expansão tecnológica esbateu a dicotomia que opõe espaço público e privado e permitiu a formação de espacialidades híbridas e plurais onde as dimensões arquitetônicas do espaço urbano divide espaço com uma dimensão que é eletrônica-comunicativa-imaterial, onde a forma de habitar das pessoas foi deslocada do terreno físico para alcançar também os espaços mediáticos, as informações e as imagens vinculadas pelos fluxos informativos. (Di Felice, 2012, p. 103). Viver no que o autor chama de “paisagens pós-urbanas” significa estar conectado a redes digitais e atravessar fluxos comunicativos cujas mediações permitem experimentar formas híbridas de espaços e de relações. (Di Felice, 2012, p. 114)

As casas, no contexto em que os aparelhos eletrônicos e a comunicação via internet se incorporaram em definitivo à vida das pessoas, já não se resumem àquelas construções de tijolos com lugar definitivo no espaço. A casa passou a ser todo aquele conjunto de interações, contatos, redes, preferências, imagens, sons, textos que são articulados e vividos no ciberespaço de modo individual por cada uma das pessoas. A página privada, o correio eletrônico, os perfis das redes sociais digitais, os canais do *youtube*, as curtidas, os compartilhamentos, as páginas visitadas, os *likes* e tudo aquilo que compõem esse universo virtual constrói essa nova forma de habitar.

Conclusões

O contexto de intensa urbanização da sociedade contemporânea verificado desde o último século não trouxe consigo igualdade de oportunidades e recursos entre as pessoas. Grande parte da população mundial ainda sobrevive em condições de pobreza e miserabilidade e ainda não possui condições dignas de habitação. O acesso às

tecnologias de informação, apesar de popularizados em contextos como o europeu e o norte-americano, ainda é uma realidade distante especialmente em países africanos e asiáticos. Apesar dessas assimetrias que não nos permitem sintetizar uma ideia homogênea de *casa*, a difusão das novas tecnologias tem impactado em maior ou menor grau a vida das pessoas e com isso reconfigurado o espaço doméstico.

O anseio moderno de afirmação do indivíduo também se projeta na esfera privada e pode ser percebido na reconfiguração da própria casa que passa a contemplar cada vez mais espaços de privacidade em seu interior que são destinados aos seus próprios habitantes. Esse processo é intensificado e consolidado pela profusão dos aparelhos eletrônicos e conexão à internet, vez que com eles as pessoas puderam constituir um espaço autônomo de comunicação e afirmação de suas preferências mesmo no interior do espaço doméstico.

Com os dispositivos móveis conectados à internet e a intensificação do uso das redes sociais digitais, a vida privada também alcança em definitivo o espaço público e passa a ser projetada por meio de imagens, textos e sons a um número de pessoas cada vez maior. Isso esbate em definitivo às noções de público e privado, de intimidade e publicidade, constituindo um novo espaço híbrido justamente por conter características atribuíveis a essas duas esferas.

A importância da realidade virtual na vida das pessoas e a forma constante como as tecnologias de informação se fazem presentes no cotidiano permitem afirmar que a casa ultrapassa a noção física de um prédio arquitetônico e assume uma dimensão que é imaterial e comunicativa: as pessoas tem suas casas também no ciberespaço.

A velocidade das inovações tecnológicas, a curva crescente do acesso da população mundial à internet, o incremento e a popularização dos dispositivos móveis levam à conclusão de que a casa e o habitar, seja físico ou virtual, caminham no sentido de se consolidarem como espaços de afirmação pessoal do indivíduo. Longe de significar isolamento das pessoas, esse processo indica a constituição de uma sociabilidade que se manifesta no intercruzamento e na indissociabilidade das esferas pública e privada.

Nota:

Por decisão pessoal, o autor do texto escreve segundo o novo acordo ortográfico.

Referências bibliográficas

- Arendt, H. (2007). *A condição humana*. (R. Raposo, Trad.) (10.^a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Caldeira, T. P. do R. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. (H. Oliveira, Frank de; Monteiro, Trad.). São Paulo: Ed.34/Edusp.
- Di Felice, M. (2012). *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. Lisboa: Nova Vega.
- Dias, P. (2007). O impacto do telemóvel na sociedade contemporânea : panorama de investigação em Ciências Sociais. *Comunicação e Cultura*, 3, 77–96. Obtido de https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10379/1/03_04_Patricia_Dias.pdf
- Fortuna, Carlos; Silva, A. S. (2001). A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. Em B. de S. Santos (Ed.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* (pp. 408–461). Porto: Ed. Afrontamento.
- Habermas, J. (1984). *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. (F. R. Kothe, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- International Telecommunication Union. (2017). Measuring the Information Society Report 2017, 1, 154. Obtido de https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2017/MISR2017_Volume1.pdf
- Lofland, L. (1998). *The Public Realm: Exploring the City's Quintessential Social Territory*. New York: Aldine Transaction.
- Luke, R. (2002). Habit@online: Web Portals as Purchasing Ideology. *Topia: A Canadian Journal of Cultural Studies*, 0(8), 61–89. Obtido de <https://topia.journals.yorku.ca/index.php/topia/article/view/142>
- Martins, Hermínio; Garcia, J. L. (2013). Web. Em J. M. Cardoso, José Luís; Magalhães, Pedro; Pais (Ed.), *Portugal social de A a Z: temas em aberto* (pp. 285–293). Lisboa: Impresa Publishing/Expresso.
- Morley, D. (2004). At home with the media. Em S. Graham (Ed.), *The cybercities*

reader (pp. 252–255). London: Routledge.

Pereira, S. M. (2011). Cenários do cotidiano doméstico: modos de habitar. Em A. N. Almeida (Ed.), *História da Vida Privada em Portugal* (pp. 16–47). Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates.

Simmel, G. (1996). A ponte e a porta. *REVISTA POLÍTICA E TRABALHO*, 12, 10–14. Obtido de <http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6379/3955>

Traxler, J. (2010). Will Student Devices Deliver Innovation, Inclusion, and Transformation? *Journal of the Research Center for Educational Technology RCETJ.*, 6(1), 3–15. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/50590465_Will_Student_Devices_Deliver_Innovation_Inclusion_and_Transformation